



Seladina Gomes de Camargo Barros (*)

*As pessoas num discurso didático:
eu de poder ou de solidariedade?*

(*) Professora de Lingüística na Universidade de Sorocaba – UNISO.
Mestre em Lingüística Aplicada ao Ensino de Línguas pela PUC – SP.



RESUMO

A autora estuda a seleção pronominal no discurso didático de um professor universitário estabelecendo relações com o “poder”, sob o ponto de vista da moderna Análise do Discurso.

ABSTRACT

The author studies the pronoun selection of a university teacher's discourse relating it to “power”, from the point of view of modern Discourse Analysis.

Introdução

O objetivo deste artigo é estudar e aplicar os conceitos de “pessoa” da Análise do discurso na análise da seleção pronominal de texto referente a discurso de aula de professor universitário.

Escolhemos esse tema por nos proporcionar subsídios para melhor interpretação dos sentidos subjacentes ao discurso didático e para verificar se os pronomes podem funcionar como atenuadores da face, tema de dissertação da autora, defendida em 1996.

Após algumas considerações gerais sobre o estudo dos pronomes pessoais, tentaremos:

1. dar uma explanação sobre a visão tradicional desse estudo;
2. fornecer a visão atual do estudo dos pronomes pessoais à luz da Linguística moderna e da Análise do Discurso Francesa;
3. resumir as idéias de Brown e Gilman sobre poder e solidariedade;
4. analisar a seleção pronominal num discurso didático de terceiro grau verificando relações com poder e solidariedade.

Os termos técnicos usados serão explicitados no decorrer do trabalho.

1. Considerações gerais sobre as pessoas e os pronomes

1.1 A Gramática Tradicional

Dois renomados gramáticos brasileiros: Napoleão Mendes de Almeida e Rocha Lima, apresentaram colocações que se mantêm na maioria das escolas brasileiras.

1.1.1 – A gramática de Napoleão M. Almeida

Em Almeida (edição de 1952: 129) o assunto é tratado como segue, “ipsis litteris”.

“...colocamos tudo o que nos cerca em três relações: umas coisas nós relacionamos com a pessoa que fala, outras colocamos em referência pessoa com quem falamos, e outras fazemos relacionar com a pessoa de que falamos.

Está claro que a pessoa que fala é, realmente, pessoa, (a não ser quando, metaforicamente, atribuímos o dom da linguagem aos irracionais, aos animais e aos vegetais, como nas fábulas), mas podemos dirigir-nos e referir-nos, indiferentemente, a pessoas e a coisas, mas estas coisas, a que nos dirigimos, ou às quais nos referimos são, em gramática, consideradas pessoas, e daí o nome pessoa gramatical, que ... é “a relação existente entre a linguagem e os seres.

Pois bem, as pessoas gramaticais são representadas, taxonomicamente, por pronomes pessoais; o pronome que representa a pessoa que fala, ou seja, primeira pessoa gramatical, é eu; a pessoa com quem falamos é representada por tu, que se denomina pronome de segunda pessoa gramatical; finalmente temos o pronome ele (ou ela), que representa a terceira pessoa gramatical, ou seja, a pessoa de que falamos.

Todas essas pessoas têm seus plurais: nós é o plural de eu e representa as pessoas que falam; vós é o plural de tu e representa as pessoas com quem falamos, eles (ou elas) é o plural de ele (ou ela) e representa as pessoas de que falamos. Observe-se, porém, que, ... “quase nunca tratamos por tu a pessoa com quem falamos; sempre tratamos o interlocutor por você, senhor, vossa Senhoria, Vossa Excelência. Ora, todos esses tratamentos são considerados de terceira pessoa gramatical...”

Almeida explicitava o uso corrente de você em substituição a tu (em voga até hoje, na maioria dos estados brasileiros).

Lima

2.1.2

Rocha Lima (1962:103) apontava os mesmos conceitos da Gramática de Almeida, acrescentando, porém, outro aspecto importante do uso dos pronomes, a saber, o contexto de situação, como portador de significação para os pronomes.

Embora não usasse o termo “enunciação”, Rocha Lima já acompanhava a tendência da década de 60 de valorizar o contexto de situação para a comunicação. Porém também apresentava os mesmos conceitos com relação ao plural dos pronomes: “eu” tendo como plural “nós”, “tu” tendo como plural “vós” e “ele”, com plural “eles”.

1.2 A *Lingüística Moderna*

Hoje a Lingüística considera “você” como pronome pessoal de segunda pessoa; porém as gramáticas normativas do Português continuam a

considerá-lo um pronome de tratamento de terceira pessoa, devido à sua origem na forma de tratamento “Vossa Mercê”.

Robins (1964:267), lingüista, relata que esse fato de concordância divergente não é incomum. Em muitas línguas, “a categoria de pessoa”, ... “é gramatical e exige concordância com as formas verbais com as quais mantém relações específicas. Porém não é uma regra universal. Em japonês, por ex., as formas verbais não variam de acordo com a categoria de pessoa do pronome...”

“Em diversas línguas européias alguns usos de pronome revelam divergência entre número e pessoa vistos como categorias formais. “Exs. do inglês (you), francês (vous) , alemão (Sie). No Inglês (e no Português) existe o “we” (nós) editorial quando o locutor refere-se a si mesmo no discurso como primeira pessoa plural. O mesmo se aplica ao nós “majestático” usado por um soberano em situação oficial.

Vários fatores influem no uso dos pronomes. O uso dos pronomes pode ser determinado por situações de deferência ou posição social. O malaio e o japonês levam em conta o status social.

Borba (1986:171), lingüista brasileiro, também discorre sobre o uso dos pronomes:

“O uso das pessoas está muito ligado à função social e ao processo da linguagem. Pessoas muito egocêntricas abusam do “eu”; outras, mais modestamente, usam o “nós”. Há línguas que usam escalas de tratamento honorífico ou formal. A primeira pessoa é mascarada pelo uso de expressões com “este seu amigo”, “este seu criado”, “seu admirador” etc. que despersonalizam o locutor. Algumas línguas distinguem entre segunda pessoa de uso para os familiares e íntimos, isto é, há uma segunda pessoa de uso coloquial e uma de uso formal.” (cf. “você” e “senhor” na maioria das regiões brasileiras, e no francês “tu” e “vous”).”

Prosseguindo, Borba afirma que a primeira pessoa, estritamente falando, só é encontrada no singular. A chamada primeira pessoa do plural é uma soma de “eu” mais quaisquer outras pessoas. Daí a distinção entre emprego “inclusivo” ou “exclusivo” do pronome de primeira pessoa do plural. O primeiro se refere à inclusão do ouvinte (“eu” mais “tu”), e o segundo, à sua exclusão (“eu” mais “ele(s)). Existe uma quarta pessoa que pode indicar afastamento ou proximidade com relação à enunciação. No primeiro caso, há o obviativo e, no segundo, o aproximativo. “O uso da pessoa obviativa é um meio de distinguir duas pessoas diferentes sobre as quais se fala: a mais afastada, com relação à próxima.” O uso do obviativo e aproximativo remete ao “aqui” e “agora” da enunciação.

2.1.3 As pessoas e a Análise do Discurso

A Análise do Discurso tem como proposta básica considerar como primordial a relação da linguagem com a exterioridade expressa nas condições de produção do discurso: o falante, o ouvinte, o contexto da comunicação e o contexto histórico-social-ideológico.

A Análise do Discurso analisa, não mais a frase, mas o texto oral e escrito (Orlandi, 1992:60). A Análise do Discurso (AD) europeia acredita que, para analisar textos, é necessário uma ruptura metodológica para poder estudar a significação. Para a AD, a língua não é um sistema e o discurso é intermediário entre competência e atuação. Discurso é uma “prática social” (Kress, 1989). A AD introduziu as noções de sujeito, de ideologia e de situação social e histórica (idem, 62). A AD critica o subjetivismo idealista da Teoria da Enunciação (TE) porque “ninguém é senhor do seu dizer”, (Benveniste, 1963); o que há é um sujeito assujeitado, produto sócio-histórico-ideológico. Para a AD, a linguagem é produzida pelo sujeito, em condições determinadas, e quem a analisa, deve procurar mostrar o seu processo de produção (idem, 63). São importantes na AD as relações de poder, que se refletem nas escolhas lexical, sintática e fonológica e no tipo de interação. As relações de poder são características de determinados gêneros (linguagem adequada para cada tipo de evento social).

Cervoni (1989: 25) define “eu” como o “nome que o locutor dá a si mesmo quando se torna objeto do discurso, sendo ao mesmo tempo a pessoa que fala (papel ativo), e a de quem se falou (papel passivo); o “tu” é a pessoa que ouve e pode, por sua vez, tomar da palavra (papel ativo) e a pessoa de quem se falou (papel passivo).

A primeira e a segunda pessoa se opõem à terceira pessoa, a do deslocutado, que não tem a palavra e tem papel unicamente passivo na linguagem. Para Cervoni, (idem, 23) e Maingueneau (1991: 9), expoentes da AD, “eu e tu” fazem parte dos dêiticos; são palavras que designam, dentro dos enunciados, dois elementos constitutivos de toda enunciação, que são o locutor e o alocutário). Os actantes “eu” e “tu” encontram-se num espaço, num determinado lugar e determinado momento em que a enunciação ocorre. “Eu” só pode designar o indivíduo que diz “eu” para falar de si mesmo; “tu” só pode designar o indivíduo a quem o locutor se dirige para falar dele, alocutário.

Cervoni continua (p. 24): “eu” e “tu”, em termos gramaticais, fazem parte dos pronomes pessoais e têm uma significação convencional, como os

outros signos da língua. Assim “eu” tem como significação geral, única e constante, a de designar o remetente da mensagem; “tu”, a de designar o destinatário. Nesse sentido, são símbolos, segundo Peirce. Daí advém que, para Cervoni, “é um erro considerá-los como formas vazias”. Em termos de enunciação, “eu”, “você” e “tu” são dêiticos preenchíveis no momento e local da comunicação. Jakobson (apud Cervoni, p. 24) considera os dêiticos como elementos lingüísticos que têm estruturas duplas (“símbolos-índices”), porque só podem receber um sentido determinado se estiverem numa relação essencial com o objeto que representam.

Cervoni (p. 25) acha melhor excluir “ele” dos dêiticos. Para esse autor, “ele” é subjacente a “eu” e “tu”, como a tudo o que pode tornar-se objeto de fala.

Voltemos a Émile Benveniste, expoente da AD francesa, que trouxe uma grande contribuição ao desenvolvimento da Lingüística devido a:

1. colocar a questão da significação fora do significante;
2. introduzir a noção de subjetividade dentro da Análise do Discurso e da Psicanálise, estabelecendo uma nova interlocução;
3. preocupar-se com a língua posta em funcionamento por um sujeito da enunciação (“ego” que se diz “ego” (idem, 286). Para Benveniste, “eu” marca a subjetividade na linguagem; “eu” é o sujeito da linguagem, aquele que se diz “eu” no discurso dirigindo-se a um alocutário.

Na teoria de Benveniste, o locutor se apropria de formas vazias pré-existentes na linguagem e as refere à sua pessoa. A subjetividade cria dentro e fora da linguagem a categoria de pessoa; esta tem efeitos sobre a estrutura das línguas, tanto na organização das formas como nas relações de significação. Cf. Inglês “I, you, we, they eat”; francês “je/tu/il mange”, em que só muda o pronome e as formas verbais são idênticas e “eu creio” (tenho a impressão), “ele” crê (acredita), em que a significação do verbo torna-se diferente mudando-se a pessoa.” A mudança de pessoa pode acarretar mudança de sentido. (A intersubjetividade (troca de lugar entre sujeito e alocutário) “torna possível a comunicação lingüística e a comunhão fática”. (Benveniste, p. 292)

Para Benveniste, só existe o “eu” dirigindo-se a alguém, o “tu” da alocução (p. 286). A condição do diálogo é constitutiva da pessoa: “eu” me torno “tu” na alocução do outro que se designa por “eu”. A polaridade das pessoas é condição fundamental na linguagem (p. 286).

Para esse autor, “ego” e “tu”:

1. são complementares (na posição interior/exterior) e são reversíveis, não existindo antinomia entre “eu” e o “outro”, entre indivíduo e sociedade.

2. são intercambiáveis;

3. são pessoas que têm um papel ativo na enunciação.

Eni P. Orlandi critica Benveniste, afirmando que:

1. “o “tu” é fundamental para que o “eu” possa se definir como “eu”; está presente no “eu” que avalia, antes e durante a interação, as reações do “tu”, construindo e reconstruindo seu discurso em antecipação de, e por causa dessas reações (Orlandi,1987: 286).

2. o “eu” não é apenas aquele que se enuncia como “eu”; o “eu” pode ser genérico, indicar o locutor e o interlocutor; pode ser o porta-voz inconsciente de muitas outras vozes, como preconiza Bakhtin (apud Orlandi,1986:60): “a enunciação é social e não individual; a palavra é dialógica e está determinada tanto por aquele que a emite quanto por aquele a quem é dirigida.) Além do mais, a interação é feita mediante a co-construção do discurso e não apenas pela subjetividade na linguagem.

3. a 3a. pessoa é “não-pessoa”.

Cervoni (p. 25) também discorda de Benveniste, afirmando que a terceira pessoa é a pessoa fundamental, “suporte necessário de qualquer predicação, seja essa pessoa explícita, marcada (quando se manifesta sob a forma de um pronome pessoal), ou implícita, como no caso do nome.

A diferença entre pessoas e não-pessoas está em que as pessoas estão necessariamente em contato e presentes e as não-pessoas podem ser abstratas, presentes ou não; as pessoas não têm substitutos possíveis; cada enunciador reitera o “eu” e o “tu”. Já as não-pessoas representadas por sintagmas nominais dispõem de substitutos pronominais. As pessoas só podem ser os sujeitos falantes da enunciação. A não-pessoa, não. A relação eu e tu pode se desnivelar, dependendo da intimidade com as pessoas” (Cervoni: 22 e Maingueneau, 1991:19).

Outro expoente da Análise do Discurso francesa é Dominique Maingueneau. Para Maingueneau (idem:17) :

1.”eu” e “tu” são “embrayeurs” (elementos lingüísticos do enunciado cujo sentido remete ao ato único da enunciação que o produziu);

2.”nós” não é o plural de “eu”; “vós” não é o plural de “tu” e “vocês” não é o plural de “você”. O que existe é uma amplificação de pessoa. Há vários tipos de amplificação. O professor, quando fala: - “(Nós) Vamos fazer a prova na semana que vem”. Não é o professor mais os alunos, mas só os alunos que farão prova. É um plural que exclui o locutor e que não dá o turno nem a oportunidade de réplica ao interlocutor. Porém pode acontecer o contrário: o enunciador assumir o papel de alocutário. Às vezes usa-

mos o “eu”, “nós” e “ele” para falar pelo alocutário, assumindo que ele não quer, ou não tem capacidade, ou não pode, ou não deve falar naquele momento. Ex.: “-Vamos tomar o remédio”... da enfermeira para a paciente ou “-Como estou tristonha hoje!” (da mãe para a filha amuada). Quando dizemos: “O menino quer remédio?” em vez de “-Você quer remédio?” a amplificação serve para excluir o outro, que não é tratado como interlocutor. É tratado como “um ser não-falante” (idem, p. 22)

3. “O suporte da enunciação não é o enunciador isolado mas o par eu/tu, co-enunciadores” (A. Culioli, apud Maingueneau:18). “Eu” e “tu” ligam-se aos papéis de locutor e interlocutor trocados no diálogo”;e referem-se a “dois protagonistas”;

4. não há um “eu” que constitui um “tu”;

5. as pessoas formam a esfera da locução (p.19), que remete ao universo exterior, o da não- pessoa.

6. o “on” francês é comutável com “eu”, “tu” e “ele”, (Maingueneau cita as palavras de F. Atlani de que “on” fica na fronteira entre o que é identificável e o que não é.. (p. 20)

Assim como o francês tem “on”, temos em Português a expressão “a gente”, um sintagma nominal que pode ser considerado um pronome pela função. Ex.: “Você sai, bebe, dirige, está feito o acidente. Não se sabe porque a gente não aprende!”

“A gente”, “você” e o “se”, no ex. acima, equivalem ao “on” francês: são genéricos. “Se” pode substituir o “nós”, o “eu” e “você”. “Devagar se vai ao longe” inclui “eu, tu, ele”. (Por ser difícil reconhecer o agente, se diz que o “se” é impessoal; na realidade, ele pode incluir todas as pessoas). “Você” pode ser genérico, como no ex. acima., personalizando os enunciados que têm valor geral.

7. A dimensão sociolinguística das pessoas influi na seleção do pronome mais adequado à situação.

“O doutor vai demorar? — dirigido ao médico — é muito usado na região de Sorocaba, em vez de “O senhor vai demorar?” Se falamos com íntimos, usamos você; para falar aos menos íntimos ou mais altos na hierarquia, usamos “o (a) senhor(a)”. O uso de “senhor” distancia mais no contato social do que o de “você”. A distância social se reflete nos pronomes. Se essa regra social é quebrada, pode ser tomada como um ato ameaçador da face pelo mais graduado, que não deseja “descer” ao nível do outro. O plural majestático encobre um “eu” que não deseja intercambiar com o “tu”.

A 1a. e a 2a. pessoas são intercambiáveis quando o locutor o permite nas relações de poder.

2. As pessoas, o poder e a solidariedade

Brown e Gilman (1960: 253-276) estudaram o uso dos pronomes relacionando-os com poder e solidariedade, “dimensões fundamentais para a análise de toda a vida social” (p. 253) que criam duas semânticas: a do poder e a da solidariedade.

Esses autores constataram uma co-variação entre o uso dos pronomes e as relações entre locutor e interlocutor exemplificando com a diferença de uso em diversas línguas, estruturas sociais, grupos ideológicos e características da pessoa que fala.

Para Brown e Gilman (B & G), o estilo pronominal do locutor denuncia seu status de classe e visão política (idem, 254); “ter poder sobre outro é ser capaz de controlar o comportamento do outro”.

A semântica do poder é “uma relação não recíproca, em que o superior diz “você” (“tu”) e recebe “o senhor” (“vous”) (idem, 255)

... As bases do poder são muitas: “força física, riquezas, idade, sexo, papel institucionalizado na igreja, estado, exército ou dentro da família”. (idem, 256).

Exemplificando com a língua francesa, B & G afirmam que o pronome singular original era “tu” e que as diferenças de poder causaram a emergência do “vous”. Se a diferença não for relacionada com poder, poderá haver o surgimento de “vous” nas duas direções.

A semântica da solidariedade estabelece uma relação simétrica entre pessoas com os mesmos pais, mesma profissão, mesma escola, etc. Um homem falando consigo mesmo tem alta probabilidade de usar “você” ou “tu” para si mesmo. “Você” é o pronome da condescendência ou intimidade; “vós” é o pronome da reverência ou formalidade. “Com o estabelecimento da solidariedade semântica, tornou-se possível um novo conjunto de significados expressivos - sentimentos de simpatia e estranhamento. O uso dos pronomes pode aproximar ou distanciar dois interlocutores.” (idem, 276)

B&G (p.14) finalizam afirmando que o exercício do poder no discurso, muitas vezes, encontra resistência, como por ex. o discurso feminista; informam também (p.16) sobre a tendência “contemporânea para o discurso institucional tornar-se mais informal e conversacional”.

3. Análise da pessoa num discurso didático

3.1. Condições de produção

O corpus foi obtido através de gravação em áudio. Trata-se dos preparativos e parte introdutória de uma aula de Psicologia Educacional numa Faculdade de Pedagogia de Sorocaba, interior do Estado de São Paulo, sobre o assunto "Aprendizagens Sexuais", em outubro de 1993.

Essa Faculdade se encontrava em vias de pertencer a uma universidade. É mantida por uma instituição católica, embora não existam restrições a não-católicos. Sua localização em área central da cidade dificultou um pouco a interpretação da fita nos momentos dos ruídos externos. (Os ruídos internos referem-se à parte dos preparativos da aula, não à aula propriamente dita).

Tomam parte no evento a professora de Psicologia, que também é psicóloga, de 48 anos; 45 alunos de segundo ano, período da manhã, com idades que variam entre 18 e 50 anos; duas jovens do curso de Letras, instruídas pela professora de Lingüística para efetuar a gravação (para posterior transcrição) e anotar os dados do contexto de situação.

A professora goza de prestígio junto à direção da escola e aos discentes, que são predominantemente do sexo feminino. Alguns alunos estão numa segunda graduação, outros estudam na Faculdade pela primeira vez. Provavelmente serão futuros dirigentes de escolas.

As mestras deu total apoio às alunas de Lingüística e colaborou para um bom processo de gravação, através de localização próxima ao gravador, tom de voz e insistentes pedidos à classe no sentido de conseguir um bom resultado na gravação.

A linguagem, no evento, é didática, tem a intenção de educar e transmitir informação especializada à audiência. O canal fônico e o meio falado, com interação face-a-face, complementado pelo escrito, (na lousa, referente aos itens principais relativos ao assunto) são ferramentas de ensino. A voz da professora é clara, após alguns pedidos de atenção. Há um monólogo, provavelmente planejado, em que as próprias palavras da enunciadora traem seu poder sobre os ouvintes (o poder do professor em sala de aula "advém do conhecimento e implica no controle e estruturação da interação" (Kress, 1985: 24). O monólogo é mixado com interação.

O discurso sob análise enquadra-se no gênero acadêmico.

Gênero será entendido no sentido que lhe dá Fairclough (*Critical Discourse Analysis*, p. 138): “uso da linguagem associado com uma atividade social particular”. (tradução nossa). Uma aula encaixa-se no gênero acadêmico para Kress, (1985:25) porque:

1. “apresenta relação assimétrica de poder”;
2. “é realizado numa instituição social: a escola”;
3. “o professor mais valida a resposta do aluno do que a aceita, numa clara demonstração de poder e conhecimento”;
4. “a resposta do aluno é confinada e construída dentro da pergunta do professor”;
5. “o professor vai fornecendo um sumário da informação”;
6. “o aluno faz perguntas confirmatórias”;
7. “o professor vai recapitulando, trazendo para o momento presente, informações ministradas em aulas anteriores”;
8. “o professor dá instruções explícitas” (idem, p. 28).

*O contrato de fala dos interagentes é cumprido à risca. Em nenhum momento da aula invertem-se os papéis.

3.2 Análise dos pronomes no Corpus

Nos dados sob análise, foi interessante a verificação do uso do pronome “eu”, que em alguns casos, poderia ser decorrente de tentativa de minimização de possíveis AAFs (atos ameaçadores de face) sobre os alunos e, em outros casos, clara demonstração de poder. “Quanto maior a diferença de poder, mais fechada a interação” (Kress, 1985:26), daí, talvez, as poucas intervenções da audiência.

Ex. de pronomes:

“você nem vai me ler” (3)

“importante para você ter referenciais” (4)

“te levo a algum lugar” (6)

“você deve se deixar levar” (8)

“você vai me xingar” (9)

“vocês se lembram da afetividade?” (14)

“aquilo que nós estávamos falando” (16)

“você viu que a gente estava falando” (17)

“nós não somos divididos, nós somos pessoas.” (23)

- “ele diz assim:”... “ele “mama no seio” (23)
 “eu vou querer fazer alguns comentários”... “eu nunca tive coragem”...(3)
 “...ficarem longe de mim”... “eu tenho de falar” (5)
 “eu vou devagarinho” (6)
 “xingar de coisas que eu não sou.” (9)
 “eu escrevo na lousa” (10)
 “quando eu falei de afetividade”(14)
 “quando eu estou convivendo”... meus pais, meu pai, ... minha mãe...
 “minha convivência”... “está me permitindo” ... “eu estou diante de modelos”... “eu vou tentar”... (16)
 “eu aprendo a me comportar” (17)
 “todas as minhas experiências”... “envolveram os meus sentidos”(18)
 “Vai me dificultar”... “Parece-me que não”... (19)
 “minha opinião”...eu estou convivendo”... “eu estou aprendendo” (20)
 “se eu tenho uma educação”... “meus pais me permitiram”... “eu tenho experiências” (21).

Durante quase toda a aula , a comunicadora se dirige à audiência usando os pronomes de tratamento; você, vocês, (6 ocorrências) e pessoal de segunda pessoa: te, (1 ocorrência), indicando solidariedade, cooperação, aproximação, informalidade e familiaridade com o interlocutor. Porém a maior frequência está com o pronome “eu” e os possessivos correspondentes: meu, minha, meus, minhas (ao todo 32 ocorrências). (Dá a impressão de que, muitas vezes, o “eu” significa eu, vocês, todas as pessoas: um recurso retórico para criar comunidade, assumindo a responsabilidade por todos...)

Será que o ensino estava centrado no professor? A grande incidência de pronomes e possessivos de primeira pessoa parece demonstrar o poder da locutora, perceptível:

- 1) na metáfora de conduzir os alunos a algum lugar, prontamente confirmada pela audiência;
- 2) na afirmação dos atos necessários à aquisição da sexualidade;
- 3) na negociação da atenção dos alunos;
- 4) no tipo de modalidade mais usada: a modulação;
- 5) nos “question tags”: “não é?”, “né?”, “ tá bom?”, “certo?,” reveladores da preocupação interacional, mas não respondidos à semelhança das questões retóricas;
- 6) nas brincadeiras da negociação inicial da face e das partes do corpo, que causaram risos, devido à quebra de expectativa dentro do gênero aca-

dêmico. Para Dascal (1987:269) “piada consiste num discurso que tem, no mínimo, dois significados distintos e opostos”.. “ o significado na piada é o que não se espera.”

A enunciatória, próxima ao final da introdução, impessoaliza as proposições e generaliza ao mesmo tempo, usando o pronome indefinido “se”, em vez de “eu” ou “nós (o que confirma nossa impressão).

Cf. “quando se fala”.

“isto se faz na convivência”

“isso não se aprende”...”se aprende”

“não se diz pr’o homem”...

Volta, porém ao “nós”.

Implicitamente, foram passadas outras informações:

1. que o assunto foi um AAF à enunciatória: “nunca tive coragem de escrever sobre isso”; hesitação em “pênis e vagi..vagina”

2. que ela assume os comportamentos relacionados com a sexualidade para minimizar a face da audiência, como se dissesse: - Isso acontece com qualquer um, até comigo, a detentora do poder na aula, que não tenho medo de falar no assunto. (16) “convivendo com

meus pais, meu pai”... “minha mãe”... “minha convivência”...;

3. que a mestra se sente segura na condução da classe. (“sempre levo”: resposta confirmatória).

Nos dados sob análise pode-se observar a predominância da dimensão de influenciar pessoas, provada pela incidência de vocativos, expressões de polidez, pronomes, possessivos, “question tags”, perguntas retóricas e processos de figuração da face.

Vamos em seguida nos concentrar nos pronomes, neles buscando o “eu” de solidariedade:

1. (Eu) “Vou falar por certo tempo” — especifica o papel discursivo da mestra e sua intenção de obter a colaboração da classe (através da mudança de lugares na classe para maior proximidade com a locutora e dos pedidos de silêncio aos alunos). Aqui temos o “eu” que se diz “eu”, mas o sujeito assujeitado da enunciação, preocupado em auxiliar as alunas que fazem a gravação e desejoso de cumprir seu papel no gênero didático. É o “eu”, com evidente assimetria para o enunciador, o “eu” de poder.

2. “Elas precisam fazer trabalho de transcrição da fita. Não atrapalhem a gravação delas”... remete às alunas não-pessoas, deslocutadas mas presentes no ato único dessa enunciação, e objeto da preocupação da professora naquele momento.

3. Eu vou querer fazer alguns comentários"...indica ainda a preocupação com o próprio papel na interação. Continua o "eu" de poder.

4. "Isso você nem vai me ler porque nunca tive coragem de escrever sobre isso" ...é a locutora confidenciando que o assunto sexo é tabu para ela. (confirmado no final da aula em que afirma: "e não vá me dizer que sexo não é tabu"....) O "você" é de solidariedade, supõe uma cumplicidade dos discentes no tabu.

5. "...porque nunca (eu) tive coragem de escrever sobre isso"... O "eu" , embora ligado a uma confidência, é de poder e permite à locutora-enunciadora desnudar seu sentimento de medo; o discurso é autoritário.

6. "...mas (eu) acho importante para você ter referenciais sobre este assunto" ... a adversativa é reveladora do esforço da mestra para falar do assunto. O "eu" é de poder atribuído pelo conhecimento da docente que enuncia um discurso didático autoritário, que não permite a réplica, decidindo pelo aluno o que deve ser ensinado na aula. Esse "eu" reflete também a ideologia subjacente à instituição "ensino", na qual o professor é considerado "guia" e tomador de decisões pelos alunos. (Orlandi ; Coracini)

7. "Se vocês ficarem longe de mim"... "vocês" é um tratamento que encurta distâncias sociais e discursivas .

8. "...eu tenho de falar em tom de discurso"... novamente encontramos o "eu" de poder que não admite réplica; a modalidade de obrigação reforça a auto-consciência da mestra com relação a sua posição de comando e poder na classe.

9. "...então venham (vocês) mais p'ra frente" (idem número 7).

10. "...vocês devem estar acostumando com o meu jeito" mais uma revelação do poder da mestra que deseja que os alunos se acostumem a ela (e não vice-versa).

11. "...eu vou devagarinho... e (eu) te levo a algum lugar, não levo?"... Aqui ainda temos o "eu" de poder que, metaforicamente, quer conduzir o discente nos caminhos da educação. O "te", na região de Sorocaba é mais íntimo que "você"; parece aproximar mais o aluno para conduzi-lo.

12. Classe: - (você)" Leva!" confirma a ideologia subjacente à instituição "ensino" em que o mestre deve conduzir os discípulos. Essa ideologia é inculcada pela escola e família.

13. "Sempre (eu) levo! " é confirmação à asserção anterior, própria do gênero aula. (Kress: 25) O "eu" ainda é de claro poder.

14. "Você deve se deixar levar para pensar comigo"...confirma o dito em 11.

15. (você)" não vai tirar conclusões apressadas" - o uso do indicativo em vez do imperativo indica a certeza da mestra de que esse fato não vai ocorrer. "Você" é íntimo e direto para cada aluno em particular.

16. “porque você vai me xingar de coisas que eu não sou “: o mesmo que em 15. “Eu” ainda é de poder.

17. Quando se fala de sexualidade... aqui temos o “se” dito “impessoal” que abrange todas as pessoas e nenhuma em especial: é o “se” genérico, que “exime responsabilidades”(Susan Thompson: curso sobre Discourse Analysis, PUC, 1995).

18. “...enquanto eu escrevo na lousa “ ... o “eu” é de poder.

21. “...por favor, (vocês) se aproximem .” agora a enunciadora se dirige a todos os alocutários, polidamente fazendo uma solicitação.

22. “quando se fala em sexualidade as pessoas logo pensam... logo pensam em sexo como uma relação genital” Esse sintagma nominal “as pessoas” está no lugar de “eu”, “você”, “eles”, “nós”. Funciona como genérico.

23. “...com o tempo (elas) vem falando” ... é ainda uma referência genérica a todas as pessoas , dando uma ilusão de exclusão da enunciadora e alocutários.

24. “...quando eu falei de afetividade” é o “eu” de poder, da autoridade na aula, típico de aula em que o mestre recapitula noções que já ministrou. É o “eu” do enunciador que pensa ser “senhor do seu dizer”.

25. “Vocês se lembram de afetividade?” é informal e íntimo.

26. “A mesma coisa é a palavrinha afetividade: ela quer se referir a”... Novamente temos a não-pessoa, objeto de que se fala.

27. “Quando eu estou convivendo com meus pais, meu pai é um homem, minha mãe é uma mulher”... o uso da primeira pessoa nesta elocução remete ao “eu” genérico que não significa apenas a elocutária, mas o povo em geral.

28. “Aquilo que nós estávamos falando na outra aula”... é o “nós” que exclui o alocutário , demonstrando inequívoco poder.

29. “a minha convivência com eles está me permitindo aprender como se deve comportar um homem e uma mulher, quer dizer, que eu estou diante de modelos que eu vou tentar reproduzir, né?” é a volta ao “eu” genérico.

30. “Isto se faz na convivência.” Novamente o “se” genérico, pluripessoal, abrangendo todas as pessoas.

31. “O primeiro sentido da palavra sexualidade é: eu aprendo a me comportar como homem e mulher, como mulher.” O “eu” é genérico, novamente, e a enunciatária o assume para minimizar os possíveis efeitos sobre a audiência. É um “eu” corajoso , de poder e ao mesmo tempo de figuração da face. O “eu” genérico está funcionando como atenuador.

32. "Você viu que a gente estava falando na outra aula que isso já está ficando meio bagunçado, não é? Não há uma distinção muito nítida entre comportamentos masculinos e femininos." "A gente" equivale ao "nós" de poder, substituindo "eu".

33. "Guardem (vocês) esta informação". (idem 25)

34. "Dentro da sexualidade está uma informação muito discreta, que é: todas as minhas experiências anteriores que envolveram os meus sentidos... daquelas crianças que a gente vem dizendo que a mãe não deixa pegar, lambar, cheirar, chacoalhar, desmontar, são crianças

que não têm experiências sensoriais ou muito parecidas... Vai me dificultar a sexualidade?... Parece-me que não." Os possessivos de 1ª. pessoa implicam a referência ao "eu" genérico, de aliança com os discípulos e com todas as crianças que não tiveram experiências sensoriais..

35. "O outro aspecto mais importante, na minha opinião sobre sexualidade é: que quando eu estou convivendo com as pessoas, sejam pais, irmãos ou amiguinhos, eu estou aprendendo a trocar e ganhar afeto, a pedir e roubar, a conquistar e dar." "Minha" se refere ao "eu" "concreto, histórico, porta-voz de um amplo discurso social" (Brandão, 1994:84)

36. "Isso tudo ... isso não se aprende de uma hora para outra, se aprende ao longo da vida." Aqui a professora retoma o "se" genérico, identificável com todas as pessoas e nenhuma em particular.

37. ...se eu tenho uma educação que meus pais me permitiram chorar, reclamar, enfurecer, ficar alegre, quer dizer: eu tenho experiências sexuais. (uso do "eu" genérico significando "qualquer pessoa"). É uma técnica de dissimulação que minimiza a face do alocutário, mas ainda é um "eu" de poder.

38. "Não se diz p'ro homem: - (mostrando as partes do corpo) : - Até aqui é do saber; daqui p'ra cá é emoção, daqui p'ra cá é sexualidade; isso (mostra o pé) não serve p'ra nada!" (ainda o uso do "se" genérico, atenuando a interação..

Risos

39. Nós não somos divididos, nós somos pessoas. (inclui o enunciador, os alocutários, em particular, e toda a humanidade, em geral.) "Nós" genérico atenua a interação e aproxima locutor e interlocutores: somos "iguais", dando a falsa impressão de solidariedade.

40. "O Freud dizia isso e causou um furor terrível, porque ele diz assim: a primeira experiência sexual de uma criança é quando ele mama no seio da mãe." Temos o discurso citado introduzido por "ele" que se refere a uma

autoridade no assunto, chamada a corroborar as palavras da enunciadora. Aqui é clara a “heterogeneidade mostrada” de Authier-Révuz (1990): a palavra do outro no discurso do locutor. O segundo “ele” é anafórico e se refere a “criança”.

Conclusão

O discurso analisado evidenciou poder (no sentido de B & G), autoritarismo (com exceção de uma vez, o aluno não tem voz e não há interdiscursividade, i.e., troca de locutores), ideologias inconscientes sobre educação e sexo inculcadas pela família, religião, escola. As crenças internalizadas sobre a educação são: o mestre conduz os discípulos; sabe o que é bom e importante para eles; é detentor do saber, evoca autoridades para fundamentar as idéias que expõe, valida a resposta dos alunos (Kress,25; Coracini,59). Crenças sobre sexo: é “feio” e constitui assunto a ser evitado (Rogers, 233).

Foi interessante a descoberta de que os pronomes usados genericamente funcionam como atenuadores, protegendo a face dos interlocutores, implicando que não estamos nos referindo a eles, (porque provavelmente poderiam se encaixar como participantes dos fatos sendo expostos, e ter suas faces ameaçadas) mas a qualquer pessoa (inclusive a professora, que aí se nivela com eles) como realizadora das ações explicitadas pela mestra.

Pelos dados analisados, se conclui que não houve, na aula, pronomes de solidariedade no sentido de B & G. Mesmo a solidarização através dos pronomes genéricos demonstra o poder do sujeito da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ALMEIDA, Napoleão Mendes de . *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 6. ed., São Paulo: Saraiva, 1952.
2. AUTHIER-RÉVUZ, Jacqueline. *Heterogeneidade(s) Enunciativa(s)*. *Cad. de Estudos Lingüísticos*, Campinas, (19): 25-42, jul.-dez. 1990.
3. BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral I*. 3. ed. Trad. de Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas, SP: Pontes, 1991.

4. BORBA, Francisco da S. **Introdução aos estudos lingüísticos**. São Paulo: Nacional, 1987.
5. BRANDÃO, Helena H. Nagamine. **Introdução à análise do discurso**. 3. ed. Campinas, SP: EDUNICAMP, 1994.
6. BROWN, Roger e GILMAN, Albert. The pronouns of power and solidarity. In SEBEOC, Thomas S. (ed.) **Style in Language**. MIT, Mass., 1960.
7. CERVONI, Jean. **A enunciação**. São Paulo: Ática, 1989.
8. CORACINI, Maria José Faria. Homogeneidade vs. heterogeneidade num discurso pedagógico. In PASCHOAL, Mara S. Zanotto e CELANI, Maria Antonieta A. **Lingüística aplicada: da aplicação da lingüística à Lingüística Transdisciplinar**. São Paulo: EDUC, 1992.
9. FAIRCLOUGH, Norman. "*Language and Ideology*". Working Paper Series 11. Center for Language in social Life, Department of Linguistics, University of Lancaster, s/d.
10. FÁVERO, Leonor L. e KOCH, Ingedore G.V. **Lingüística textual: introdução**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1988.
11. GOFFMAN, Erving. **Interaction ritual**. Essays on face to face behavior. New York: Garden City, 1967.
12. HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional Grammar**. London: Edward Arnold, 1985.
13. KRESS, Gunther. **Linguistic Processes in sociocultural practices**. 2nd. ed. Hong Kong: Oxford University Press, 1989.
14. MAINGUENEAU, Dominique. **La Théorie de l'énonciation**. Paris: Hachette, 1991.
15. ORLANDI, Eni P. **A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso**, 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 1987.
16. _____. **O que é Lingüística**. 5. ed, São Paulo: Brasiliense, 1992.
17. ROGERS, Carl. **Liberdade para aprender**. 4. ed. Trad. de Edgar Godói da M. Machado e Márcio Paulo de Andrade. Belo Horizonte: Interlivros, 1977.
18. ROBINS, R.H. **Lingüística Geral**. Trad. de Elizabeth Cordella A. da Cunha e Wilson Chrisostomo Guarany. 2. ed. Porto Alegre/Rio de Janeiro: Globo, 1981.
19. ROSA, Margaret de Miranda. **Marcadores de Atenuação**. São Paulo: Contexto, 1992.